

**REFLETINDO SOBRE A CONSTRUÇÃO IDEOLÓGICA EM
LETRAS DE MÚSICAS INFANTIS:
UMA ANÁLISE DA ESTÉTICA XUXA SÓ PARA BAIXINHOS¹⁵¹**

Bruno Gomes Pereira (UFT)
brunogomespereira_30@hotmail.com

RESUMO

Este trabalho é uma adaptação de um artigo publicado em um livro sobre as relações interdisciplinares no ensino de língua e de literatura organizado pelo autor dessa pesquisa. Assim, nosso objetivo é discutirmos sobre a construção da ideologia presente nas letras de canções infantis, instrumentos utilizados, muitas vezes, como recursos pedagógicos no processo de aprendizagem nos anos iniciais da educação básica. Como aporte teórico-metodológico para microanálise dos dados utilizamos a análise crítica do discurso, corrente de estudos da linguagem bastante defendida nos estudos de Fairclough. No aspecto metodológico, lançamos mão de uma pesquisa documental com abordagem qualitativa. O *corpus* de nossa investigação é constituído pelos DVDs da estética de músicas infantis *Xuxa Só Para Baixinhos*, da cantora e apresentadora infantil Xuxa Meneghel, devido ao seu grande apelo popular no país. De acordo com os dados, percebemos que o discurso lúdico é o principal recurso utilizado para persuasão do público alvo, ao mesmo tempo em que constrói a imagem do sujeito Xuxa como alguém capaz de incentivar o desenvolvimento educacional da criança.

Palavras-chave: Análise crítica do discurso. Música infantil. Ideologia.

1. Introdução

O fato de poder haver estreita relação entre o público infantil e os elementos de apelo empregados nessa modalidade de propaganda, é fundamental que se avalie sistematicamente seu papel sobre formação da criança. (BARROS FILHO, 2002, p. 3)

Sabemos que a televisão é um meio de comunicação extremamente abrangente e que, conseqüentemente, mantém um acesso direto a diferentes públicos, de diferentes classes sociais e diferentes faixas etárias.

¹⁵¹ Este trabalho é um recorte do texto “A Música como Ferramenta de Ensino na Educação Infantil: Uma análise da linguagem audiovisual da estética Xuxa Só Para Baixinhos”, de autoria do autor deste artigo em parceria com a pesquisadora Shirley Veloso Costa Bessa, especialista em Gestão Escolar pela Universidade Cidade de São Paulo (UNICID). O texto ora referido é capítulo do livro “Língua e Literatura: Interfaces com o Ensino” (2015), organizado também pelo autor deste artigo. Também é uma adaptação do texto “O Poder da Televisão no Brasil: Influências e Ideologias que Perpassam o fenômeno Midiático ‘Xuxa’”, também de autoria de Pereira.

Diante dessa realidade, a mídia televisiva tem o poder de projetar indivíduos na sociedade, mantendo-os em contato com um número incalculável de espectadores simultaneamente. Dessa forma, em pouco tempo, pessoas de todas as idades, raças e costumes reproduzirão hábitos, dizes e vestes propagadas por um sujeito televisivo. Temos, então, um “fenômeno de massa”. Nessa categoria, nos referimos à artista Xuxa Meneghel¹⁵², partindo do princípio de sua grande influência no mercado latino-americano por três décadas seguidas.

Acerca de tamanha influência, Rozendo (2008) endossa que a televisão pelo fato de ser o veículo de comunicação mais presente no cotidiano das pessoas, influencia e altera o comportamento de quem faz uso dela. Logo, influencia diretamente outras esferas midiáticas, englobando-as por consequência. Nessa perspectiva, o mercado fonográfico nos interessa mais de perto, pois o segmento infantil tem sido o responsável por uma considerável movimentação no consumo brasileiro desde meados dos anos 1980 até os dias de hoje.

Nesse artigo, apresentamos a ideia de que as músicas infantis têm ganhado mais espaço nas escolas de ensino fundamental menor, sendo, muitas vezes, utilizadas pelos professores como recursos didáticos, uma vez que podem auxiliar na prática docente. Dessa maneira, tentamos discutir como esse produto musical pode contribuir no ensino infantil e se, de fato, as letras das músicas apontam para uma evolução desse gênero.

Conforme nos mostram os dados de Barros Filho (2002), na epígrafe desse artigo, há uma relação estreita entre os produtos comerciais de cunho infantil e o público que o consome. Logo, é necessário que, enquanto educadores, saibamos avaliar a qualidade do produto que compramos e que, muitas vezes, são utilizados como instrumentos capazes de viabilizar situações de ensino e aprendizagem.

Nesse sentido, elegemos como objeto de análise a estética audiovisual “Xuxa Só Para Baixinhos”, coletânea de CDs e DVDs infantis lançados pela cantora e apresentadora infantil Xuxa Meneghel. Esse material é o mais popular do Brasil e da América Latina, tendo sido algumas vezes premiado mundialmente. Vários desses prêmios foram entregues sob a justificativa de serem didaticamente corretos por incentivar o desenvolvimento das habilidades cognitivas da criança.

¹⁵² Não estamos nos referindo à pessoa Xuxa Meneghel, mas sim à figura pública que influencia e habita o imaginário de milhões de pessoas há anos.

2. Didática e ludicidade: relações intrínsecas e contribuições para o ensino

Ensinar não é apenas transmitir conteúdo. Essa visão extremamente formal nos soa no mínimo como um resultado de uma ingenuidade retrógrada e obsoleta. A prática do ensino está galgada em uma série de métodos que, uma vez articulados coerente e sistematicamente, podem proporcionar uma situação dialógico-interativa capaz de atribuir ao meu aluno um prazer de se estudar determinado assunto.

É nesse sentido que resgatamos os preceitos da didática, muito recorrentes nas ciências da educação, para constituir o pano de fundo da reflexão de tentamos desenvolver nesse artigo. Mas afinal, o é didática? Conforme Comenius:

A proa e a popa da nossa didática será investigar e descobrir método segundo o qual os professores ensinem menos e os estudantes aprendam mais; nas escolas haja menos barulho, menos enfado, menos trabalho inútil, e, ao contrário, haja mais recolhimento, mais atrativo e mais sólido progresso (COMENIUS, 2001, p. 10).

Portanto, as palavras de Comenius nos incitam a pensar que a didática tem papel basilar na formação de professores em geral, tendo em vista seu papel de incentivo à prática do magistério em quaisquer que sejam os níveis de escolaridade. No nosso caso, na educação fundamental primeira, a dificuldade em se sistematizar métodos capazes de viabilizar uma situação de ensino eficaz é ainda mais preocupante, tendo em vista que, na maioria das vezes, nossos professores demonstram insegurança em promover uma aula em que seja possível prender a atenção dos alunos, no caso crianças de faixa etária bem pequena. Assim, o profissional tenta levar recursos didáticos que sejam capazes de promover uma aula mais satisfatória ao mesmo tempo em que as crianças sintam-se seduzidas pela metodologia escolhida.

Portanto, em linhas gerais, Bessa e Pereira (2015) acreditam que a constituição da didática enquanto disciplina é fundamental para o incentivo do aluno que, dessa forma, tenderá a desenvolver suas potencialidades cognitivas. Assim, parafraseando as Leis de Diretrizes e Bases da Educação (LDB, 1996), Bessa e Pereira endossam que

a sistematização da didática, enquanto disciplina, foi instituída com a intenção de formar o educador na arte de ensinar, tornando eficaz o seu trabalho, desenvolvendo no educando a criatividade e o prazer de aprender, descobrindo suas potencialidades e canalizando-as para o crescimento cognitivo e emocional (BESSA & PEREIRA, 2015, no prelo).

A criança, na condição de aluno, deve ser incentivada por uma atividade que o conduza a um aprendizado motivado por brincadeiras. Acreditamos que o poder de invenção e reinvenção do imaginário infantil é um grande motivador intelectual uma vez bem aproveitado pelo professor. Dessa maneira, a brincadeira e a ludicidade são ferramentas importantíssimas para que a criança entenda as possibilidades de aprendizagem e de sentido no seu próprio contexto de cultura. (Cf. ESPÍRITO SANTO, 2005).

Logo, é possível considerarmos que os CDs e DVDs infantis podem ser utilizados como recursos didáticos responsáveis por promover situações de aprendizagens eficazes às crianças, tendo em vista que nesses materiais fonográficos o discurso lúdico exerce forte poder persuasivo. Assim, por meio da sedução, a qual lhe é peculiar, a estética do “Xuxa Só Para Baixinhos” tem sido largamente utilizada como elemento que pode proporcionar uma aprendizagem mais dinâmica, ao mesmo tempo em que garante diversão à criança (BESSA & PEREIRA, 2015).

Considerando que o objeto de nossa análise são vídeos e músicas infantis, não podemos ignorar o fato de serem, antes de tudo, elementos que, de alguma forma, incitam o mercado capitalista contemporâneo. Assim, a relação entre as esferas midiáticas de TV e música proporcionam uma propagação e popularização do produto que nos propomos a analisar nesta abordagem. Nesse sentido, a seguir, procuramos contextualizar a situação social que culminaram na produção desse material ao discorrer sobre o poder de influência do sujeito Xuxa, típico fenômeno de massa brasileiro.

3. *Mídia e consumo: uma breve explicação sobre a ideologia do sujeito “Xuxa”*

A importância da televisão no meio social é inquestionável. Ao formar fenômenos, constrói também sujeitos midiáticos carregados por ideologias. Logo, a construção linguística articulada pela TV não pode ser suposta como algo neutro, partindo do pressuposto de que atua na construção de ideais e formação de personalidades entre sujeitos. O significado que atribuímos ao termo “sujeito”, nessa abordagem, obedece às diretrizes da análise crítica do discurso, pois acreditamos que seja um elemento dotado de posicionamento ideológico. Portanto, capaz de remodelar práticas discursivas dentro de um contexto de formação linguística específica (Cf. FAIRCLOUGH, 2008; RESENDE & RAMALHO,

2011; RESENDE, 2009). Nesse mesmo sentido, Brandão afirma que a linguagem “não é neutra, inocente e nem natural, por isso o lugar privilegiado de manifestação da ideologia” (2004, p. 11).

Ao considerarmos a televisão no Brasil, temos como um importante exemplo, no que se refere à hegemonia televisiva, o fenômeno midiático “Xuxa”. É pertinente esclarecermos que quaisquer posicionamentos evidenciados a seguir não têm como objetivo cultuar ou não a pessoa, mas sim discutir as consequências provocadas por este fenômeno de massa, uma das figuras televisivas de maior influência no Brasil.

São muitos os estudos acerca desse tipo de fenômeno de massa. Jupy Júnior (2001) comenta que

a trajetória de Xuxa é um perfeito exemplo das disfunções da televisão brasileira, um vigoroso e carismático movimento que merece ser objeto de estudo sobre as influências midiáticas produzidas nos últimos anos. Fama, publicidade, mercado, comportamento, imagem, sexualização precoce, infantilização, privacidade, discurso – todos esses elementos costuram a anatomia de um dos fenômenos brasileiros mais significativos das últimas décadas (JUPY JÚNIOR, 2000, p. 20).

O padrão televisivo comumente oferecido a dita “Rainha dos Baixinhos” contribui na ostentação da figura do mito. Ao trocar de emissora, Xuxa causou um verdadeiro alvoroço nas redes sociais. A emissora que a contratou tenta explorar a imagem de “rainha” e, incansavelmente, repete que a contratação da artista deve ser “a maior desse século”. Entre gritos estridentes de “Xuxa, eu te amo”, ou do não menos famoso “Xuxa, cadê você? Eu vim aqui só pra te ver!”, surge o mito. Cenas como esta se repetem constantemente há quase três décadas. (Cf. JUPY JÚNIOR, 2000)

Para muitos, fenômenos desta espécie são raros. No caso de Xuxa, sempre manteve uma relação truncada com a imprensa. No início de sua carreira, foi fortemente criticada por manter um posicionamento antipedagógico, como o incentivo a competitividade entre crianças, bem como o erotismo com que se vestia. Todavia, isso não afetou sua influência junto ao público e logo seus produtos apresentaram vendagens exorbitantes. Sob uma perspectiva sociológica, podemos afirmar que se trata de um “modelo de reprodução social”, conforme salienta Passeron (1995). Segundo este autor, “a força explicativa deste modelo nada tem de misteriosa e pode, no caso, ser diferentemente interpretada em termos de determinismos estruturais ou em termos de interação estratégica das ações sociais” (PASSERON, 1995, p. 114).

Como é de praxe, fenômenos televisivos englobam consigo esfe-

ras midiáticas diversas. O investimento da mídia acarreta em uma popularidade global. Partindo do princípio da intencionalidade (Cf. FAIRCLOUGH, 2008), a TV atua indissociavelmente a toda uma rede de ideias conectadas pela mídia, “impondo” às pessoas valores e posturas pré-estipuladas. Rozendo diz que a televisão “vende produto, mas para garantir o Ibope, entreter e fidelizar o público, vende também ideias, valores e conceitos”. (ROZENDO, 2008)

Logo, o sujeito “Xuxa” exerce influência não só ao que se refere à televisão, mas também a toda vertente midiática que a ela se liga. O mercado fonográfico é um oportuno exemplo disso.

Em fevereiro de 2010, publicada a lista de CDs e DVDs mais vendidos do ano anterior, Xuxa aparece no topo das produções audiovisuais. De acordo com o Presidente da Som Livre, Leonardo Ganem, “seu catálogo tem vendas excelentes” (GANEM, 2010, Informação oral).

Com isso, a imagem pública de Xuxa é explorada pela mídia como um forte pretexto neoliberalista, visto que é responsável por movimentar um patrimônio milionário, ao passo que mantém “seguidores” permanentes. A expressão em destaque é utilizada pela própria apresentadora para designar fãs que a seguem para onde quer que vá.

4. Apontamentos para análise nas músicas infantis

Apresentamos, abaixo, um breve percurso de análise a respeito das ideologias presentes em fragmentos de músicas infantis que integram à lista da estética do “Xuxa Só Para Baixinhos”. Lembramos que as músicas que constituem a compilação lançada por Xuxa têm forte apelo didático, sendo, muitas vezes, utilizadas como recursos didáticos por professores que atuam nas séries iniciais do ensino básico.

Vamos aos ensaios de análises. Abaixo, os excertos das músicas, seguidos do nome da intérprete da canção, título do álbum do qual a música faz parte e o ano da publicação do trabalho.

O fragmento que se segue foi extraído da música intitulada “Misturando as Cores / Onde estão as Cores?”, ocupando a faixa de número 16 no álbum “Xuxa Só Para Baixinhos” 2, lançado em 2001.

O amarelo com vermelho dá laranja
O amarelo com vermelho dá laranja
Misturando dá pra ver
Uma cor aparecer

O amarelo com vermelho dá laranja

(Xuxa, “Xuxa Só Para Baixinhos” 2,
Misturando As Cores / Onde Estão as Cores? 2001)

Acima, percebemos uma música em que a preocupação recai em ensinar as cores individualmente, bem como o resultado que se dá por meio da mistura dessas cores. Em especial, a estrofe transcrita acima privilegia as cores vermelho, laranja e amarelo. Entretanto, é necessário considerarmos que tal canção vem acompanhada por uma sequência visual capaz de induzir a criança a um universo colorido pelos tons mencionados na canção. Em outras palavras, a música é ilustrada por um vídeo em que Xuxa aparece totalmente suja pelas cores mencionadas na letra acima. Nesse sentido, percebemos que a intenção é incentivar que a criança relacione a o objeto (no caso o signo linguístico representado pela cor em si) ao seu significado imagético (aquilo que se pretende ensinar à criança como sendo o vermelho, o laranja e o amarelo).

Nesse sentido, a aprendizagem é incitada por meio de uma relação imagético-sinestésica que, provavelmente, deve funcionar de maneira sistemática no ensino da criança, levando-a a reconhecer as cores citadas em outros contextos enunciativos.

No que se refere ao princípio da intertextualidade, aqui entendida conforme Fairclough (2008), o professor pode manter relações de sentido entre as cores mencionadas e as cores constituintes do arco-íris, elemento bastante presente no imaginário infantil. Isso seria uma possibilidade de desempenho cognitivo, tendo em vista que o docente partiria das informações constadas na canção para promover um diálogo com assuntos mais presentes nas brincadeiras de crianças. (Cf. ESPÍRITO SANTO, 2005)

Notamos também que o verso “O amarelo com vermelho dá laranja” foi repetido 3 vezes. Considerando que a estrofe transposta acima é constituída por 5 versos, a repetição a que nos referimos constitui a maior parte do excerto. Na íntegra dessa música, também percebemos repetições dessa mesma natureza várias vezes no texto. Percebemos, com isso, que o ensino e a aprendizagem propagados pela ideologia dessa canção são moldados pela prática da reflexão. Esse método é fortemente criticado por correntes filosóficas mais contemporâneas das ciências da educação, pois acreditam que a memorização não seria a melhor alternativa para se ensinar qualquer assunto. (Cf. FERNANDES, 2005)

Entretanto, acreditamos que o papel do professor seja basilar em

situações como essas, pois este profissional pode criar mecanismos de interação desse texto com diversos outros textos, de diferente gêneros, capazes que mostrar à criança que o uso do mesmo signo linguístico, em situações diferentes, podem gerar sentidos díspares.

Abaixo, um fragmento retirado da música “Abecedário da Xuxa”, uma das canções mais populares da apresentadora, que foi lançada oficialmente em 1987, no álbum “Xegundo Xou da Xuxa”, e regravada em 2006, para o álbum “Xuxa Só Para Baixinhos” 6 – Festa, sendo a sexta faixa do volume.

Vamos cantar
Vamos brincar
Alegria pra valer
O abecedário da Xuxa
Vamos aprender

(Xuxa, “Xuxa Só Para Baixinhos” 6 –
Festa, Abecedário da Xuxa, 2006)

A música acima explicita a importância de se aprender o alfabeto brincando. Nesse sentido, a relação entre ensino/aprendizagem e brincadeira é colocada como viga mestra no processo de prática docente. Assim, esta canção parece se apresentar enquanto uma manifestação linguística capaz de dialogar com outras instâncias fora da instituição formadora. De alguma maneira, é necessário que o professor entenda que a recorrência à música para ajudar no ensino do alfabeto nas séries iniciais depende diretamente do uso de diferentes esferas artísticas, capazes de estimular o desenvolvimento intelectual e cerebral da criança. (Cf. ILARI, 2003)

A escolha do elemento “vamos”, que morfologicamente constitui um verbo, é repetida 3 vezes durante a estrofe. Percebemos, então, o uso de um recurso estilístico e semântico que, no plano discursivo, soa como uma espécie de convite, em que Xuxa é representada como uma figura sinônima da ideia de brincadeira, porém com um pano de fundo pedagogicamente engajado. Em outras palavras, a artista é vista como capaz de promover um diálogo entre o ensinar e o brincar. Cria-se, então, uma esfera de diálogo direto entre Xuxa e a criança que ouve a música.

O elemento “pra”, no terceiro verso, é a forma contraída do vocábulo “para”, muito utilizado em contextos informais da linguagem. O uso deste articulador confere ao texto uma ideia de intensidade, dando a entender que, ao aprender o abecedário da Xuxa, a criança estará brincando ao mesmo tempo, o que confere muita felicidade à criança. Percebemos

isso como uma estratégia semântica capaz de aproximar a imagem de Xuxa ao público que a consagrou, popularizando-a conseqüentemente, ao mesmo tempo em que leva o adulto a crer nisso como algo positivo para estratégia para o ensino do alfabeto às crianças.

5. Considerações finais

Acreditamos que a escola tem se mostrado mais flexível e receptiva, nas primeiras décadas do século XXI, a outros métodos para o ensino nas séries iniciais. Pensamos também que essa perspectiva da escola mostra-se condizente com a atual demanda de um mundo cada vez mais globalizado, onde as diferentes esferas midiáticas interferem diretamente no papel da escola.

Nesse sentido, partimos da ideia de que o uso de diferentes materiais didáticos, provindos de diversas esferas midiáticas, pode favorecer a relação entre ensino e aprendizagem, ao passo que tais materiais refletem com propriedade o atual contexto de vida de nossos alunos, que tem se mostrado constantemente influenciados pela tecnologia e outros aportes que levam ao consumo.

A escola não pode se omitir diante dessa tamanha organicidade do cenário social e deve, portanto, tentar se adequar a uma nova realidade de ensino cada vez mais mutável. Assim, temos que criar mecanismos que proporcionem uma aula mais atrativa e proveitosa intelectualmente para o aluno. Aqui, especificamente, tratamos esses alunos como as que cursam as séries iniciais do ensino fundamental, geralmente crianças bem pequenas, e a música como uma dessas possibilidades de sedução para uma aprendizagem mais sistemática.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BARROS FILHO, Jomar. A programação infantil na televisão aberta: a (des)informação das crianças. *Revista Ibero-americana de Educação*. São Paulo, p. 1-10, 2002.

BESSA, S. V. C.; PEREIRA, B. G. A música como ferramenta de ensino na educação infantil: uma análise da linguagem audiovisual da estética xuxa só para baixinhos. In: PEREIRA, B. G.; LIMA, B. Q.; FRANCO, I. B. (Orgs.). *Língua e literatura: interfaces com o ensino*. (No prelo)

BRANDÃO, H. H. N. *Introdução à análise do discurso*. 2. ed. rev. Campinas: Unicamp, 2004.

BRASIL, MEC. *Leis de Diretrizes e Bases da Educação Nacional*. Brasília, 1996.

CASTRO, A. D. *A trajetória histórica da didática*. Disponível em: <<http://www.ebah.com.br/content/ABAAABnxwAL/historia-didatica>>. Acessado em: 08/08/2014.

COMENIUS, I. A. *Didática magna*. Versão para e-book, 2001.

ESPÍRITO SANTO, R. C. do. *Desafios na formação do educador: retomando o ato de educar*. 2. ed. Campinas: Papirus, 2005.

FAIRCLOUGH, N. *Discurso e mudança social*. Trad.: Izabel Magalhães. Brasília: Universidade de Brasília, 2008.

FERNANDES, J. N. *et al.* Linguagem audiovisual, música e educação: análise comparativa da linguagem sonora dos programas infantis Ra-Tim-Bum e Xuxa no mundo da imaginação. *XIV Encontro Anual da ABEM*. Belo Horizonte, 2005, p. 1-8.

ILARI, B. *A música e o cérebro: algumas implicações do neurodesenvolvimento para a educação musical*, 2003. Disponível em: <http://abemeducacaomusical.com.br/revista_abem/ed9/revista9_artigo1.pdf>. Acesso em: 08-2014.

JESUS, D. M. de; ZOLIN-VESZ, F. A construção discursiva de Xuxa como promotora da inclusão social. *Revista Brasileira de Linguística Aplicada*, Belo Horizonte, vol. 13, n. 4, p. 1131-1143, 2013.

JUPY JÚNIOR, Edmar de Araújo. *A rainha sensual: uma análise do fenômeno Xuxa*. 2000. 36f. Trabalho de conclusão de curso (bacharelado em comunicação social - habilitação jornalismo). – Universidade Federal Fluminense, Niterói.

PASSERON, Jean-Claude. *O raciocínio sociológico: o espaço não popperiano do raciocínio natural*. Petrópolis: Vozes, 1995.

PEREIRA, Bruno Gomes. O poder da televisão no Brasil: influências e ideologias que perpassam o fenômeno midiático “Xuxa”. Disponível em: <<http://www.artigonal.com/ensino-superior-artigos/o-poder-da-televisao-no-brasil-influencias-e-ideologias-que-perpassam-o-fenomeno-midiatico-xuxa-2476672.html>> Acesso em: 03-2015.

RESENDE, V. de M. *Análise de discurso crítica e realismo crítico: implicações interdisciplinares*. Campinas: Pontes, 2009.

RESENDE, V. de M.; RAMALHO, V. *Análise de discurso crítica*. São Paulo: Contexto, 2011.

ROZENDO, Suzana. *A influência da TV na vida das pessoas*. 2008. Disponível em: <<http://pt.shvoong.com/humanities/1745006-influencia-da-tv-na-vida>>. Acesso em: 05-2010.

ZOLIN-VESZ, F. O discurso científico/colonialista norte-americano sobre Xuxa. *Revista Brasileira de Linguística Aplicada*, Belo Horizonte, vol. 13, n. 1, p. 245-257, 2011.